

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS

DAS ORIGENS
DA
POESIA PENINSULAR

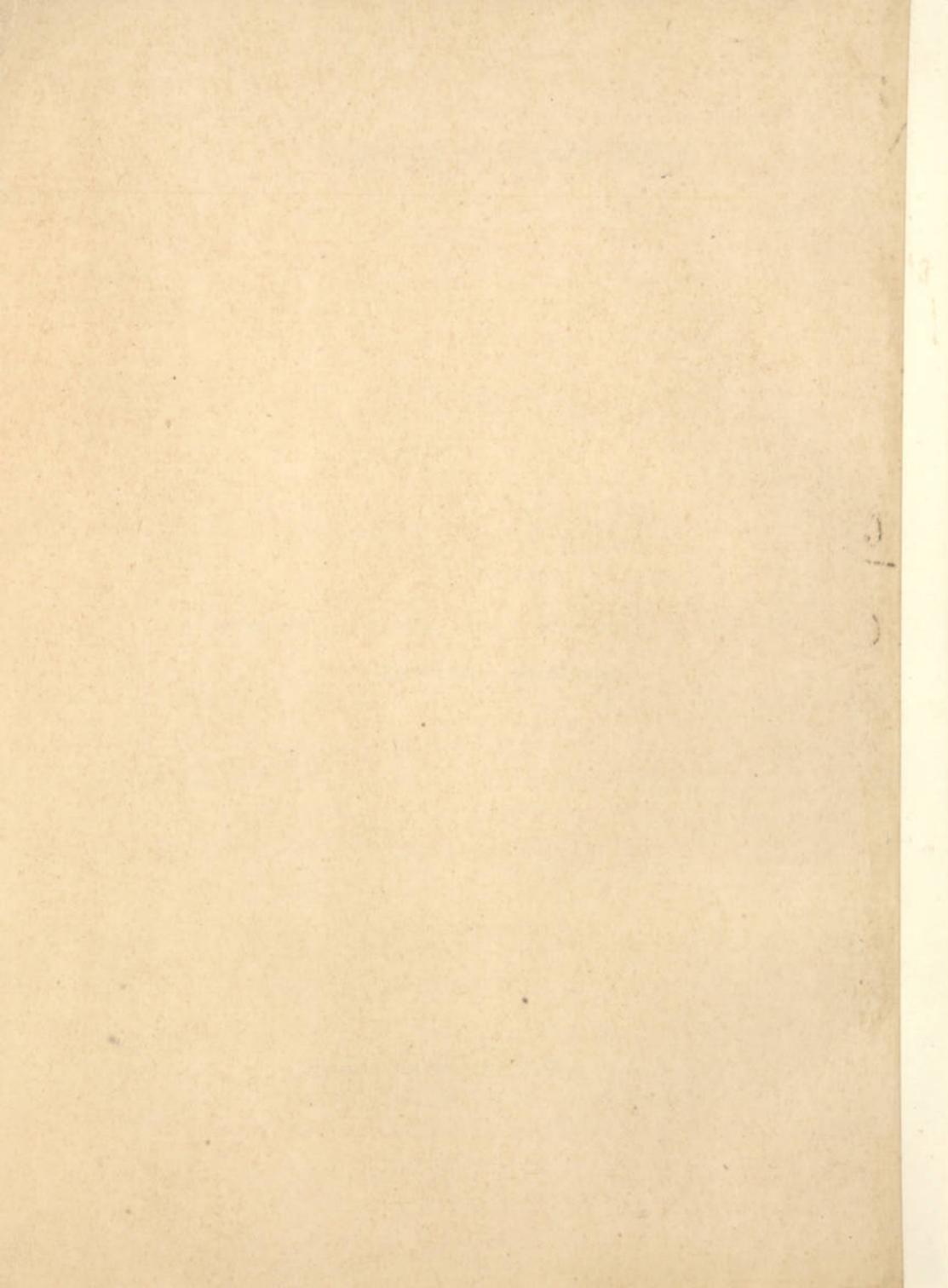
ESTUDO

Seguido de quarenta e sete cartas dirigidas a

ALFREDO PIMENTA



EDIÇÃO DE JOSÉ FERNANDES JÚNIOR
RUA DAS FLORES, 11-13 // RUA DO ATAÍDE, 2
LISBOA — 1951



Ar José Amal,
Leis Dances ~

DAS ORIGENS
DA POESIA PENINSULAR

A. B.

G
Junho
1931,

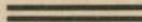
CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS

DAS ORIGENS
DA
POESIA PENINSULAR

ESTUDO

Seguido de quarenta e sete cartas dirigidas a

ALFREDO PIMENTA



EDIÇÃO DE JOSÉ FERNANDES JÚNIOR
RUA DAS FLORES, 11-13 // RUA DO ATAÍDE, 2
LISBOA — 1931

2
95836

COMPRA
332704

8-21

NB



EFG0000321315

NB Biblioteca
João Amal

5184821(A)SCN

Palavras preliminares

NOS fins de 1905 — há vinte e quatro longos e dolorosos anos! — publiquei eu um poemzinho, nefario nas idéias que traduzia, e para o qual olho hoje, por isso mesmo, com mágua de o ter creado, e com remorso de o ter trazido a público. Tinha eu, então 22 anos, atrevidos e rebeldes, e não havia louquices de espirito que me atemorizassem, nem audácias de atitudes que me fizessem sombra.

Estava em Coimbra, escolar da Universidade, naquela hora chamejante que foi o meu tempo, e em que mais do que construir o futuro se pensava em demolir os deuses e os ídolos. Era a hora alta da Insânia que passava, vaga apocalíptica que procurava arrastar na sua cauda monstruosa, castelos e catedrais, para sôbre as ruínas do que fôra, outros irem edificar as suas quimeras...

Também eu tinha a minha quimera. Era o Sobrehomem, o Único que, sacudidas as cadeias, quebradas todas as solidariedades, negados todos os compromissos, calcasse aos pés, vitorioso, as Plebes ignaras confundidas.

Mas num berço cantava a voz débil de uma Infanta. E debruçado sôbre êsse berço, escutando, apreensivo, o mistério inédito dessa voz, eu sentia a tentação de desafiar a Vida, conduzindo-a, com pulso de ferro, através do Tempo.

No seu berço, cantava a voz débil da Infanta. E a minha quimera, a do Sobrehomem, a do Único, diluía-se ao som da voz inocente, fazendo despertar no meu coração sobressaltos e ternuras.

E escrevi o tal poema na penumbra deliciosa de um sonho que era a imagem da minha alma.

Sabia eu que no Pôrto havia um douda Dama, de quem eu lera, ao de leve, fragmentariamente, trabalhos severos de erudição e crítica. Enviei-lhe um exemplar do meu poema. E tiveram, dessa maneira, início, as minhas relações epistolares com D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, que outra não era a douda Dama do Pôrto, de quem eu lera, ao de leve, fragmentariamente, trabalhos severos de erudição e crítica. A sua última carta é, como se verá, de 12 de Outubro de 1924. A sua primeira carta fôra de 20 de novembro de 1905. Foram desanove anos de uma amizade generosa por parte do gentilíssimo espírito dessa, por todos os títulos, Senhora ilustre e, pela minha parte, duma admiração crescente e sempre reconhecida. As 48 cartas que marcam, esmaltando-as e iluminando-as, as nossas relações, têm sido (quantas vezes!) estímulo eficaz para a minha alma, quando esta se sente tentada a desertar, nos combates inglórios a que a Inveja e a Infâmia me têm compelido. E penso que, entre a generosa e imortal consideração que me foi dado receber do nobre e culto espírito de D. Carolina Michaëlis, e as campanhas rancorosas da Inveja e da Infâmia — não me é lícito dar mais fé destas campanhas, do que da aquela consideração.

E repito com o prodigioso Francisco Sanchez: «*Non his scribo; nec proinde Scripta legant mea*». De resto «*...rumpitur in pactus adamantum malleus: Aesopicaque serpens, limam dum*

rodere putat, dentes frangit proprios» (*Quod nihil scitur*, prefácio).

Estímulo e glória, estas 48 cartas, que acompanham uma fracção da minha vida e julgam uma parte da minha pobre e estéril obra, têm o valor especial de serem elemento de primeira ordem para a composição da figura psicológica da nobilíssima escritora portuguesa. Mulher de espírito e mulher de coração, teve o condão genial de trazer equilibradas sempre, as duas directrizes da existência. Em D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, nem o Coração se endureceu sob a acção continua do Espírito, nem êste se entrelaçou diante dos ímpetos generosas do Coração. Verdaderamente modelar, esta figura de mulher intelectual. Sábia, — e desconhecia a vaidade. Inteligente, — e desconhecia a presunção. Modelar e insubstituível.

Dentre as cartas que me escreveu, há uma que é o pretexto da publicação de todas elas; é a que abre êste livrinho, e que trata do interessante problema da influência árabe em nossa Poesia lírica medieval. Chamou-lhe ela o seu «Relatoriozinho sôbre Abencuzman etc.»

Êsse «Relatoriozinho» que é uma prodigiosa síntese do difícil problema — fez-me pecar — um pecado de que a sua alma boníssima me absolveu já, com certeza, pela intenção que êle envolvia. Eu conto...

Manifestou-me, a minha saudosa Mestra e Amiga, desejo de reler êsse trabalho — que ela, para mim, escrevera, e me enviara,

e eu guardava, com ciúmes de avarento, como a joia mais bela da minha colecção de autógrafos. Remeter-lho para satisfazer a sua vontade? E se, por uma fatalidade, se extraviasse? E se, tendo-lhe chegado às mãos, por fatalidade maior, ela morresse — e nunca mais, o precioso trabalho regressasse ao seu lugar? Hesitei. Negar-lho? Não tinha coragem, nem mesmo com as explicações que lhe desse. Que fazer? O que fiz: fingir que lho tinha enviado, e perguntar-lhe um dia, por êle. Não sei se ela desconfiou da minha mentira sem maldade. Na sua carta de 9 de dezembro de 1925, em resposta à minha pergunta sôbre se o tinha recebido, diz-me: «Anunciar a sua recepção, *era impossível!* visto que não me tornou às mãos!»

Pudera — se nunca saiu das minhas! Fazendo a confissão dêste pecado, estou certo de que todos os que sentiram e sentem admiração por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, me justificarão. Porque êsse pecado só demonstra o valor inapreciável que eu attribuia à dádiva sem par com que essa ilustre Senhora me honrara, como, de resto, a tudo quanto, livros e dedicatórias, da sua mão amiga me veio.

ALFREDO PIMENTA

Guimarães

Casa da Madre de Deus

1929.

Das origens da poesia peninsular

AO EX.^{mo} SR. ALFREDO PIMENTA

*Carolina Michaëlis de Vasconcellos
envia com afectuosas lembranças
essa grande prova de amizade.*

TANTO no *C A II* como na *Hist. da Lit. Port.* § 18-20 demonstrei o influxo exercido pela França do Sul e a França do Norte na poesia galego-portuguesa — vindicando todavia originalidade para muitos aspectos da poesia popular — sobretudo para as *Cantigas paralelisticas* e para os *Cantares velhos* ou *Cantarcilhos*, *anexins* e *proverbios*, nados e criados em terras de Espanha (vid. *Saudade*, *Cap. VIII*) e aproveitados de longe em longe pelos poetas trovadorescos como *refrain*.

Do influxo, que por ventura os *Arabes* execeram em alguns generos, não falei senão de passagem — por ex. no *Calbi arabi*⁽¹⁾ (em cujo P. S. chamei a atenção para o Discurso de D. Julian Ribera).

— Quanto a esse problema da arte de poetar, como a quasi todos os mais, segui o rumo dos *Romanistas*, da escola de Diez, que no fim do seculo passado expu-

(1) Diga, se o possue — sim ou não.

Uma Cantiga cantada em Portugal em arabe no tempo de Gil Vicente sempre tem valor — não é verdade?

seram o seu credo linguístico e literario na pequena Enciclopedia de Groeber — o *Grundriss* (Strassburg Trübener, 3 grossos Vol.). Sem se descuidarem dos elementos estrangeiros — ibericos, celticos, germanicos, arabes que entraram nas linguas e literaturas neo-latinas, ocuparam-se de preferencia — como deviam, — de tudo quanto veio de *Roma*, e saiu de germes *latinos*.

Com relação aos Arabes [sobre os quaes ha no Vol. I um estudo especial de Seybold (linguístico)] todos reconheceram a sua importancia como filosofos, astrónomos, medicos, naturalistas, ag. etc. assim como na litteratura *didactica* e na *apologetica* em que foram transmissores de Persas, e Hindús,

Com respeito à *poesia* duvidaram, pelo contrario, de relações intimas, e influxos *formaes* e *ideaes*. — Em justa reacção contra a excessiva admiração do Romantismo pelo Oriente e pelos esplendores da civilização dos Arabes, os homens de sciencia — acentuaram de um lado as dificuldades da aprendizagem de uma lingua semitica — de sistema gramatical completamente diverso do das linguas indo-germanicas e do outro lado o character complicado da poesia *classica* — pre-islamitica desses beduinos nomadas, — unica conhecida e estudada, — poesia do *deserto* que na propria patria só os letrados comprehendiam — e no estrangeiro apenas especialistas.

Alem disso, existiam tambem, sobretudo na Espanha — preconceitos supersticiosos a respeito do *abismo* re-

figioso que separava os vencedores (mulçumanos) dos vencidos (godos latinos).

*

Em 1865 appareceu a admiravel obra do Barão von Schack: *Poesie und Kunst der Araber in Spanien und Sizilien* — fruto de longos estudos, e viagens extensas — obra erudita e artistica ao mesmo tempo — cheia de traduções elegantes, cujo valor é geralmente reconhecido, mas a cujas novidades só muito de vagar a sciencia deu credito, talvez porque lhe falta o aparato scientifico, mas tambem porque a *exemplificação* é forçadamente *alemã* e não arabe⁽¹⁾.

Nela ha dois Capítulos sobre a influencia dos *Arabes* na poesia peninsular, em geral, e em especial sobre o genero simples, — antigo, e quasi popular da *Muwachháha (moaxáha)* e a especie algo posterior do *Zadschal (zejel)*. A primeira cultivada desde o século IX; a segunda desde o XI — *antes portanto que nascesse o lirismo provençalesco*. Comparando a *forma fixa simples*, mas muito *especial*, de amostras arabes traduzidas, com a de *Cantares espanhoes* do século XIV (viva ainda nos XV, XVI e XVII, até Calderon e Lope), Schack patenteia a semelhança ou mesmo identidade delas. Na poesia siciliana e provençal não toca senão

(1) Parte II, Cap. XIII, e XIV pág. 47-165. Ha tradução espanhola de Valera. Mas eu possuo apenas o texto alemão.

muito — de leve. Ainda assim na mentalidade de Schack já estava formulada a sentença que se Espanhoes e Sicilianos adoptaram um sistema poetico arabe, seguramente seria ele comunicado tambem aos provençaes.

Como Romanistas e Glotologos em geral continuassem a investigar as evoluções da arte *latina* e a existencia (teoricamente certa, mas praticamente difficil de provar) de generos *populares* e de versos ritmicos latinos — pela nascença dos Hinós da Igreja em formas estroficas — e posteriormente as origens da poesia em si — não se ligou grande importancia ao incidente de uma unica forma estrofica ser aparentemente invenção ou achado de *Arabes Espanhoes* — ou de *Espanhoes arabizados* — Mouros latinados [isto é *aljamiados* ou *Muladies* (renegados)] da Andaluzia.

*

Alguma atenção claro que prestaram às descobertas de Schack. Mas para as combater. Gottifried Baict (prof. da Universidade de Freiburg) autor da *Hist. da Lit. Esp.* no *Grundriss* (II p. 385) menciona o *zadschal* e a *mo-wascháha*. Mas é exactamente a sua existencia tambem na Sicilia e Provença, e a absoluta convicção da supremacia intelectual da França que o leva a considerár o genero como *saido de germes latinos* (1). — Não se lembrou, e ninguem se lembrou — de que na peninsula his-

(1) (N. B. da *Tornada* das Canções trovadorescas).

panica a evolução linguística e artística poderia haver precedido a francesa, — em virtude da fermentação promovida pelo choque de duas nacionalidades tão vivas e meridionaes como a *andaluza* e a dos Arabes do Oriente.

Edmund Stengel, o Romanista que na mesma obra é relator quanto à *Poetica e Metrica*, nem mesmo menciona os dois generos liricos — e a possibilidade de influxos arabes. E *Seybold*, o historiador linguístico, tão pouco o faz.

*

No entretanto (a datar de 1850) Arabistas eruditos e activísimos — peninsulares e estrangeiros — continuaram, quer como editores e comentadores de textos — quer como Historiadores, a esclarecer as *relações sociaes entre vencedores e vencidos* e o modo como elas evolucionaram, ora com tolerancia, ora com intolerancia, durante os sete seculos de convivencia entre Muçulmanos e Cristãos — ministrando assim a base para se julgar da possibilidade de *juntos* criarem qualquer obra de arte vulgar. Os casamentos freqüentísimos e inevitaveis entre Arabes e Galegos (nome comum que então se dava aos indigenas) a necessidade de nesses matrimonios Mouros e Hespanos serem *bilingües*; — a situação de um lado dos espanhoes renegados (*muladíes*) e do outro lado dos *mozarabes* (hespanos submetidos aos Arabes mas não islamizados) — sobretudo de

711 a 1150 — nos primeiros seculos do imperio arabe — antes que as hordas africanas dos Almorávidas e Almohadas invadissem a peninsula — tudo quanto se apurou a esse respeito torna acreditaveis influxos reciprocos, e a existencia de entretimentos comuns — com bailados, canticos e musicas mixtas. — Não só acreditavel mas certa.

Ignoro o que o Snr. Alfredo Pimenta leu a esse respeito — se conhece Dozy, Gayangos, Simonet, David Lopes, etc. — os trabalhos independentes de Pidal, sobre as *Cronicas Generales*, os derivados de Menendez Pelayo (p. ex. o Vol. I da *Antologia*) — o *Cancioneiro Musical* de *Barbieri* — e a obra de Jeanroy sobre a França como mestra universal de lirismo.

O que vejo é que leu e meditou o interessante e importante *Discurso*, de 1912, de D. Julian Ribera que versa sobre o Cancioneiro ou *Divâne* de Aben Cuzman de Cordova — fecundo e habil embora imoralissimo, autor de 149 moaxahas anteriores a 1159 (ano do seu falecimento).

Vejo mais que hesita diante das novas doutrinas revolucionarias — diversas das de Schack porque atribuem a invenção — (vestida (?) de arabe embora) a mouros *aljamiados* que tiravam os elementos da invenção artistica de outras invenções *populares* preexistentes em **romance** em **aljamia**.

Hesita e quer por isso ouvir a minha opinião.

*

Francamente confesso que me custa dar-lh'a. Porquê? abstraindo de que ando ocupadíssima com assuntos muito diversos, a razão é que não gosto de formular teoremas enquanto seja simples investigadora hesitante, como neste caso; e porque ele é tão complicado que não se pode expôr em meia duzia de palavras.

Ficam duvidas graves. Faltam exemplos — e com certeza sempre faltarão — *daquela poesia* popular galego-andaluza que é *conditio sine qua non* para a evolução artistica do *estribilho* e da *estrofe*, exactamente como nos faltam exemplos *latinos* da arte popular ritmica de que devem ter sido continuações as neo-latinas.

Como hei-de acreditar na existencia positiva (não só teorica) de poesias liricas e lirico-epicas não só em linguagem mixta muito vulgar, mas *em romance puro*, *no seculo IX* — sem conhecer por outra via (por textos inteiros — ou seja por um unico texto inteiro = uma unica quadra, um unico proverbio ou anexim) — o estado de nomes e verbos numa lingua ainda em transição de latina para neolatina?

Estou à espera de mais amostras, de todas as amostras, — e do trabalho comum de Pidal e Ribera, prometido numa das Notas de um dos Discursos academicos dedicados ao Divân de Aben Cuzman como monumento mais importante do arabe vulgar dos muçulmanos espanhoes salpicado com vocabulos hispanicos.

Os exemplos dados (e seguramente seleccionados) são insuficientes, *a meu ver*.

*Tu — salvato — penato — guastato —
perdê-lo qui a mur atar —*

são formas que se aceitam, embora isoladas mal se interpretem. — Mas que fazer com

yeu non setrey (?) fuina (?) cativo
e
toto ben crey yeu nuafeç (?)

Mesmo juntando aos exemplos tirados de *Aben Cuzman* (1) todas as mais formas (para o Linguista, preciosas) que se encontram em outros textos, e já foram aproveitadas por Davld Lopes (2), eu fico *insatisfeita*. Queria ver orações inteiras — repito — uma quadra ou menos ainda; um rifão ou *anexim* (como o que talvez se esconda na frase onde ha *mur* (ratinho) e *atar* e que imperiosamente lembra uma locução proverbial conhecida.)

*

Que mais tenho a dizer contra o douto e engenhoso Arabista — discipulo de Codera, mestre de Asin e amigo de Pidal?

(1) Pena é que em *Cuzman* não queiram reconhecer um nobre (*ilegível*) *Guzman* (Gut — Manu?).

(2) Nos Arabes nas Obras de Alexandre Herculano, p. 205-219.

Acho que no Discurso que V. Ex.^a leu, ele não diz com bastante clareza, *como* é que repartê entre Mouros e Muladies a elaboração ou invenção da *mowaxáha*? Pregunto mesmo, se V. Ex.^a compreende, logo na primeira leitura, a quem a quer atribuir? e que, em vez de considera-la (com Schack) como obra *arabe*, no fundo a tem em conta de obra de espanhoes *arabizados*?

Romance, o assunto (báquico, erótico; de alvorada etc.); *romance*, a forma estrofica, desusada entre Arabes; *romance*, a aparição de duas rimas (ou mais) na mesma estrofe (— a *cacida* arabe é monorrima e não estrófica). — *Romance* também (eu só diria e às vezes) o *tema-estribilho*, distico — *cantarcilho* ou *cantar velho* — mas também (salvo-erro) anexim?

Que fica então de arabe? A lingua⁽¹⁾ — e salvo-erro. a ideia de parafrasear, em *tema*, em estrofes ternarias repetindo-se no ultimo (4.^o) verso de cada, a rima temática (melhor será dizer — respondendo-se à rima dela)⁽²⁾.

Creio que essa minha ideia seja verdadeira. Creio também que tal é a opinião de Ribera — visto que atribue a invenção da forma a um personagem determinado — *Mocadem Ben Moafa el de Cabra, de alcunha o Cego* — deixando a Aben Cuzman de Cordova apenas a gloria de haver composto um grande numero de *mowaxáhas*.

(1) Vid. *Saudade*.

(2) *AAbbbe*.

*

Mas... é verdade: V. Ex.^a conhece apenas o Discurso de 1912. — Desconhece a continuação de 1915. — Sabe portanto apenas que Ribera fez perante a *Academia Real Espanhola* a declaração que a *moaxáha* dos Mouros da Andaluzia (tal como aparece no Divan de Aben Cuzman, com caracter tabernario) fazia presupôr a existencia de uma lirica *vulgar* romance na Espanha mulçumana, de onde aquela derivasse. — Mas essa convicção carecia de testemunhos historicos directos. Ignora que num 2.^o Discurso (de admissão à Real Academia de Historia) de 6 de Junho de 1915, eie teve a satisfação de poder apresentar taes testemunhos historicos de autoridade in-negavel.

Um historiador da literatura arabico espanhola *Aben-Bassan* — Português, de Santarem, cuja morte se deu em 1147 ou 1148⁽¹⁾ — fala dessa *poesia lirica em romance* (=aljamia) no livro *Addajira*, na biografia de certo Abubequer Obada Ben Maassamá que fora um dos aperfeçoadores do genero; e apresenta como primeiro inventor o tal *Mocadem Ben Moafa, el de Cabra*, de alcunha o *Cego*, falecido *antes de 912*.

Eis o que diz; — o mais simples seria enviar-lhe o meu exemplar de emprestimo — mas na suposição que

(1) Vid. David. Lopes, *Aljamia*, pag. $\frac{viii}{3}$.

V. Ex.^o não terá tempo para leituras, sempre copio o passo *principal*: «El primero que compuso poesias de la medida o clase de las *moaxahas* en nuestro pais, e inventó ese género é M. B. M. el de C., el Ciego, el cual las compuso empleando versos cortos; pero la mayor parte de estas composiciones las hizo en formas métricas descuidadas, sin arte escrupuloso y usando *la manera de hablar del vulgo ignaro y la lengua romance*. A esas frases vulgares o romances llamábalas *estribillo*. Con tales versos cortos componia la *moaxaha* sin llegar a [formas perfectas en] la combinacion y enlace de las rimas; y sin que esos versos fueran realmente elementos orgánicos del conjunto de la estrofa».

Provando depois que havia tambem poesias narrativas em arabe — *gestos ó romances juglarescos* — deduz delas a existencia tambem de uma *épica indigena em metro vulgar sobre assuntos*⁽¹⁾ *peculiarmente espanhoes* — vindicando para a Península tambem a suprema gloria de haver *precedido* a França nesse importantissimo ramo. Isso contra a opinião geral que atribue aos *Francos* (Germanos) a realização de epopeias medievas.

*

A Espanha, o paiz mais civilizado da Europa no seculo XII e XIII, — eis o que desejam constatar os bons patriotas Ribera — Codera — Pidal — sem enfase. Sien-

(1) Os Romances !

tificamente. Com provas. Como hipótese. Empregando a prudente duvida dos scientists.

*

Por esta sumaria exposição (que me deu que fazer!) V. Ex.^a vê que estou, *em teoria*, do lado dos tres, e dos demais que acreditam no tal choque *fermentador* ou *electrizador* fecundante entre Semitas e Indogermânos.

Conhecendo a enorme influencia que desse choque impulsionante para a agricultura (irrigação), as indústrias, as artes plasticas e tambem para a musica (instrumentos!) e a dança — e *last not least* para as linguas peninsulares (em especial, em todos esses ramos, para a *Andaluzia* e o *Algarve*, por motivos obvios) estou convencida de que na *poesia*, nos generos singelos e populares que costumam acompanhar as outras duas arte movimentadas — houve tambem actividade comum e influxos mutuos.

Nos *Livros de Linhagens* e nas *Crônicas* (em peculiar na de *Afonso VII*) estão registados factos que mostram como Cristãos, Mouros e Judeus misturavam os seus *Cantos e bailados* em festas nacionaes, mesmo perante os reis que se orgulhavam de reinar sobre subditos de *tres leis*. —

Anedoctas, narradas pelos historiadores arabes (— grandes artistas que sabiam dar cores vivas, de actualidade, aos seus relatos) — mostram quantos *Arabes*

eram designados com *alcunhas* realistas pelos *Hispanos* — em romance vulgar.

A infiltração de vocabulos de forma *romance* nas *moaxáhas* (e em outros textos) está documentada, portanto.

*

Voltando às *moaxáhas* — inventadas no seculo IX por um individuo que teve a feliz mas musicalmente tão natural ideia das *repetições* e da harmonização de uma melodia preexistente, e da beleza de variações — eu inclino-me a *unir* as ideias dos *Romanistas* que acreditam em elementos indogermanicos, e as dos Arabistas *que reconhecem* influxos dos Semitas do Ocidente da maneira já indicada.

As formas primitivas da poesia popular hispanica — o *Cantarcilho* ou *Cantar velho* — o proverbio ritmico e rimado — de 2, 3, 4, versos curtos (hemistiquios) utilizado como *refrain* em algumas poesias cultas de trovadores, — e mesmo o *vilancete* de que ha exemplos (Abba) — *preexistiam* e são os germes das *moaxáhas* do seculo IX X, XI, germes de sementes latinas — mas que no solo e clima peninsular se tinham desenvolvido de modo especial — sobretudo na Andaluzia e no Algarve, na convivencia com Arabes.

*

Quanto às minhas hesitações linguisticas, elas provêm, como já disse, da insuficiencia talvez (irremedia-

vel?) dos vocabulos e das frases com que estão salpicados os textos arabes.

Mas tambem em geral da não existencia de monumentos neo-latinos tão antigos.

Dos textos em latim-barbaro dos seculos IX, X, XI, mal transparece a lingua vulgar romance [de então. *A ideia geralmente adoptada que uma lingua ainda em estado de formação* não pode ser produtora de obras de arte, claro que tambem influe no meu modo de pensar.

Preconceito por ventura? Para quem fala, a lingua é sempre regular — apta a ser falada, apta tambem a ser cantada. Com ritmo e rima. Para uma ejaculação onomatopaica, frases interjeccionaes; proverbios sem verbo, ou mesmo com verbo no infinitivo, futuro, imperativo, tanto serviria a lingua dos seculos IX, X, XI, e nos anteriores, como na dos seculos XII e XIII?

Bastará? terei sido assaz clara?

Se V. Ex.^a quizer ler o 2.^o Discurso de Ribera, e os anteriores de Codera e Pidal (1910) — Pelayo, *Antologia* I, e Pidal no Ateneo, 1919 (20 de Nov.), — e se precisar de um exemplar do meu *Calbi arabi* queira dizê-lo, e fazer as perguntas que julgar indispensaveis.

*

Como exemplo tardio mas lindo de uma moaxáha feita em Portugal no tempo dos Reis Catolicos e de Gil

Vicente — embora em língua Castelhana, costume dar o
que inspirou Sá de Miranda, Geibel, Rubinstein

Tango-os, el mi pandero,
tango-os, y... pienso en al!

Canc. de Res. F. 190^b, de Alvaro Fernandez de Al-
meyda — na forma abreviada seguinte. Cfr. f. 195^b, no
Momo de Santos o Vilancete de Pero de Souza

Alta rainha senhora, —
Santigo por nos ora.

Ha duzias no Cancioneiro Musical.

Cartas
de
D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos

I

Ex.^{mo} Snr., recebi, de facto, e muito agradeço, tanto a gentileza da sua carta como o exemplar dos versos dedicados a sua filhinha. Já os li — mas para expôr a V. Ex.^a com a franqueza que exige e merece, as minhas impressões e ideias, preciso rere. E preciso de ocasião propícia — umas horas de solidão e sossego — que (infelizmente ou felizmente?) não são — freqüentes na minha vida de trabalhadeira. — Tenha pois alguma paciência, sim? certo de que não falta ao que promete

Porto, $\frac{20}{xi}$ 05.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

II

Ex.^{mo} Snr.

não era preciso novo *memento*. Como esta manhã exactamente tivera uma hora de quietude para rere os seus versos, mesmo sem o seu postal esboçava agora as reflexões que essa leitura me sugeriu — conforme V. Ex.^a me pediu e eu prometi.

Ambas as vezes tive as mesma impressões. Como o seu instinto de poeta havia previsto, avalio alto e encaro com muito simpatia a sinceridade do seu esforço ardente,

a energia das convicções que inspiraram a sua obra, e o nobre fim a que visa. Reconheço também que é precisamente a dupla qualidade de V. Ex.^a como partidario apaixonado de ideias avançadas e como pae amante que comunica às paginas sentidas do seu livro um caracter singularmente emocionante.

Mas — (V. Ex.^a ha de querer que eu seja franca) — no fundo da emoção ha, para mim, um *quid* de amargura, uma duvida penosa. Não posso aplaudir sem reserva as suas aspirações todas. Pergunto-me p. ex. se qualquer pae — de mais a mais sendo a favor da liberdade absoluta — tem o direito de influir de modo tão solene na futura mentalidade da filha? Fico a scismar se o norteio que V. Ex.^a impõe à sua, substituindo o evangelho da paz pelo da revolução, será para ela um bem ou um mal?

É justissimo que espiritos com orientação moderna se insurjam contra dogmas obsoletos e praticas já sem significação e, depois de se terem libertado a si proprios, proclamem bem alto os direitos do homem. Compreendo que se revoltem contra o trono e o altar, e tentem deitar abaixo todos os muros que estorvam a remodelação da sociedade, baseada em tanta mentira, tanta injustiça cruel. Quero que a mulher, não contente de sonhar alvoradas, tome parte activa na cruzada do bem.

V. Ex.^a não exorbita exigindo que não seja uma inutil, mas antes *alguem*, uma individualidade forte e sã, de espirito culto e volição disciplinada, de sorte que saiba e queira cumprir os seus deveres sociaes com nobre altruismo.

Faz bem, propondo à sua filha esse ideal, inspiran-

do-lhe o amor do trabalho e da justiça. Só não vejo vantagem em que aprenda a apedrejar a realeza e a divindade. Antes que aprenda a atar as feridas que as lutas sociaes hão de causar, por força, em ambos os campos; que ampare e console os que caem e padecem — como V. Ex.^a, de resto, indica tão poeticamente nos suaves preceitos do Canto VI.

Tambem não creio que V. Ex.^a tenha consciencia das «enormidades» que exige. Para a mulher, rebaixada pelo egoismo e a força brutal do homem durante milhares de anos ao papel de escrava, ou digamos de bem-movel, — papel sancionado pela Igreja e pelo Estado (em virtude de considerações de peso muito positivo) é quasi impossivel praticar em todos os actos da sua vida, a sinceridade, a franqueza e a lealdade, — virtudes viris que em geral distinguem apenas as entidades livres e dominadoras. E mesmo entre elas... somente os exemplares mais perfeitos. Dificil, e quasi impossivel, onde quer. Mas muito mais neste meio atrasadissimo e estacionario, de uma intolerancia irreductivel. Livre e independente como V. Ex.^a a quer, sua filha seria aqui intellectualmente *isolada*.

Uma infeliz, exposta a muitos perigos e dissabores, mal vista de sonhadoras anemicas, absorvidas em regra pela ideia do homem e ocupadas, quando muito, pelos deveres da maternidade. Só se sua filha tiver forças e qualidades fenomenaes! Se não herdou nada da sentimentalidade, caridade e sensualidade rotineira da mulher latina, que ainda hoje se resente da claustração tantas vezes secular em que viveu. E se for educada, desde o berço, por espiritos superiores, cosmopolitas, que saibam pô-la em contacto com todas as forças vivas e divinas da

natureza, e lhe dêem a compreensão do que é a *vida* — tão complexa e tão cheia de problemas ainda não resolvidos, ou antes: nem sequer suspeitados.

Ainda ha outro motivo porque não queria que V. Ex.^a fosse longe de mais na sua acção destruidora e negativa. Receio que a imaginação meridional e o temperamento fogado e namorado da raça portugueza conduza fatalmente um espirito feminino que nunca conheceu as impressões avassaladoras da crença, em marcha regressiva, ao seio da *Alma Mater* dos povos romanicos que se chama a Igreja Catolica.

*

Mas para que me aflijo e sobressalto? A *vida* se encarregará de corrigir em V. Ex.^a (e na sua filhinha) o que ha de excessivamente anarquico nas suas teorias. É quasi certo que V. Ex.^a evolucionará como todos nós, e que reconheça, logo que for educador, como a rebeldia *incondicional* a toda a autoridade é inexequivel. Se por exemplo quiser servir de guia imparcial a sua filha na historia das religiões, da civilização e das transformações sociaes, e com esse fim se internar nas obras escritas (de diversos pontos de vista) por eruditos, optimistas, pessimistas e meros cientistas, havia de reconhecer — a meu ver — que na lentissima marcha ascensional da humanidade — a Ideia de Deus, ou seja a consciencia da nossa dependencia de uma coisa immensa, poderosa, fóra de nós —, longe de sempre ter actuado perniciosamente, marca um progresso notavel. E assim por diante.

Quasi certo me parece, por estas e outras razões, que os bellos canticos de agora, não serão a ultima pa-

lavra, o testamento, de V. Ex.^a. Faço votos para que, pelo contrario, sejam apenas uma bella aurora a que siga um meio-dia de claro sol e uma tarde calma e serena. Ha nelles tanta ideia boa e profunda, e tanta expressão feliz !

*

Se esta carta for uma desilusão para V. Ex.^a, não me acuse. Do meu artigo sobre Anthero de Quental deveria ter concluido que, se a minha mente é investigadora, curiosissima de saber e «compreender», o meu coração é pacifico — capaz de amar, mas incapaz de ter odio. E embora eu não tenha por verdadeiro o dictado «(Tout) comprendre c'est (tout) pardonner», vou concluir dando-lhe uma prova singular da minha imparcialidade — prova que talvez o indigne ou faça sorrir com ironia.

Ao lado dos seus canticos rebeldes está na minha meza um livro cheio de unção religiosa, mysticas effusões e narrações de «milagres» (!) o qual me trouxeram hontem; e nesse livro, dedicado à memoria de uma «santa» superiora do Bom Pastor do Porto, — invocam o meu testemunho e citam palavras da «protestante alemã» — palavras singelas e sinceras em que reconheci e louvei em tempos (1889) a actividade bemfazeja da Condessa Maria Droste zu Vischering. — *Ex corde*

Porto, 7-xii-05.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

Com relação a minucias tecnicas (reparo nelas porque soffro de micr-opia) deixe-me dizer-lhe que a musica do verso é prejudicada, de vez em quando, por elisões um tanto violentas, quer sejam graficamente re-

presentadas por meio de apostrophe, quer não (como em *ouvir(e)s*, *souber(e)s*, *vier(e)s*, *saber(e)s*, etc. Interessa-me saber se ha nisso pronuncia popular, usada na terra que lhe foi berço?

III

Ex.^{mo} Snr.

recebi, sim e conto responder muito em breve. Agradecendo sinceramente

$\frac{25}{xii}$ 05,

—————
C. M. de V.

IV

Porto, 27 de Dez. de 1905.

Ex.^{mo} Snr.

— depois de haver hoje repetido a leitura da sua carta, tão sincera e leal, vou esboçar, muito à pressa embora, as ideias que ela me sugeriu. Com franqueza absoluta, como é o meu costume.

Em primeiro lugar: sua filhinha.

Se bem calculo as dificuldades que V. Ex.^a encontrará na realização do plano de lhe dar uma educação superiormente liberal — ou radical —, não é isso que me causa inquietação. Muito pelo contrario, aplaudo com ambas as mãos que V. Ex.^a a queira tornar duas vezes independente: materialmente, criando-lhe o gosto e o costume de trabalhar; mentalmente, ensinando-a a raciocinar e flosofar.

Tem razão tambem em desejar liberta-la do velho preconceito, tão pernicioso e deprimente, da superioridade do homem, e do casamento como unica taboa de salvação da mulher.

Se, alem disso, lhe inculcar, pelo exemplo, certas regras praticas — que, corriqueiras lá fora, ainda têm

pouca aceitação em Portugal — se p. ex. a acostumar desde pequenina a cumprir a obrigação do momento conscienciosamente e com entusiasmo, como se essa fosse a *única* de que está incumbida; se a inteirar de que cada um é o artifice da sua felicidade (ou infelicidade), e responsável pelos seus actos; e se não lhe ocultar que a pessoa que procura o Ceo neste mundo, deve contar com a probabilidade de aí encontrar também o seu inferno — creio que deixará bem cimentados os alicerces da vida d'ela. E creio que a que por ora dorme no seu bercito — oxalá que os seus sonos sejam tão sossegados como os do meu netinho! — virá a ser uma mulher às direitas — briosa, invulneravel e grata a quem a criou. E mais alguma coisa que logo direi.

Quanto a V. Ex.^a, não me admira que vá tão longe nas suas *teorias*. Compreendo a sua opposição contra todo e qualquer dogmatismo religioso e social, e contra a moral que deles emanou. Vejo que, antinomista nato, — enfileirado por convicção na «santa confraria dos não-crentes» — não reconhece leis (ou qualquer coisa *fora de nós*) com validez para todos; mas apenas excepções, casos individuaes. Todavia foi novidade surpreendente para mim que o radicalismo filosofico de Max Stirner encontrou em V. Ex.^a um adepto tão audaz, tão estremista e tão consequente como ele — apregoador serio e quasi fanatico do egoismo teorico, ou da auto-cracia do individuo.

Seguramente hei de ler com muito interesse o livro em que V. Ex.^a expõe o assunto de *Der Einzige und sein Eigenthum*⁽¹⁾ e desenvolve as suas proprias con-

¹ Li-o muito nova na Alemanha, mas não o possuo; e conheço

vicções. Pregunto a mim mesma, se mais tarde V. Ex.^a chegará a completar a obra demolidora do meu compatriota. Mas não chego a adivinhar qual será o edificio que tenciona construir sobre a base do egoismo absoluto.

Quer-me parecer todavia que da volição autocratica do *Eu* soberano podem derivar quantos sistemas e quantas teorias e filosofias cada um queira? Mesmo a do altruismo — ou do *tu-ismo*, — a cujo jugo (nem sempre leve) me submeti, sem fraqueza ou sentimentalismo, porque o acho mais congenial à minha indole, e por se me figurar mais belo e mais fecundo. O *Eu* sem *Tu* é esteril, tanto fisica como psiquicamente. O homem isolado não produz nada. Todas as ideias, a linguagem articulada, todas as invenções e criações dos homens (digo *homens* e não *Humanidade* porque V. Ex.^a não gosta do vocabulo colectivo) são fruto das relações de homem a homem. A meu ver, pelo menos.

Voltando à filhinha de V. Ex.^a, é com um sorriso nos labios (nada malicioso, antes de serena esperança) que chego a imaginar que (apesar da evolução egoista, pessoal, individual que V. Ex.^a tenciona dar ao seu espirito, e comquanto V. Ex.^a diga que não ha ligação de especie alguma entre o *ego* e o *tu*), ela talvez pratique bem cedo ações de compaixão e piedade — não profissionalmente, mas exactamente por individualismo. V. Ex.^a é tão bom pae que, certamente a levará a esse fim — queira ou não queira.

apenas dois Portugueses que o haviam estudado: Antero e Rodriguez de Freitas.

51-1-06.

Com espanto noto que a carta que deixei interrompida em Dez., esperou mais de um mez. Se V. Ex.^a soubesse quantos são os meus afazeres, quantas cartas escrevo, quantas provas revejo, a quantos pedidos de originaes devo dar comprimento, se visse o muito que meu marido, meu filho, a nora, os amigos estão habituados a receber de mim — não se admiraria da demora que houve.

Desculpe-a, sim? e tambem se não continuo agora, fechando apenas a carta. D'esta vez à moda grega: *Χαίρει και φιλεί*. Vale et ama.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

V

Ex.^{mo} Snr.

neste instante, ao sair da porta para ir à Biblioteca, me entregam o seu postal. Recebi, sim; tenho-o em muito apreço e sinceramente agradeço.

O que V. Ex.^a nunca me disse é se recebeu a minha 2.^a carta. Quando? já não sei. Em jan. ou fev.?

De V. Ex.^a

Admiradora e grat.ima.

C. M. de V.

VI

AO EX.^{mo} SNR. ALFREDO PIMENTA

Carolina Michaëlis de Vasconcellos agradece as honras im-mercidas que lhe tributou!

Depois de haver lido e meditado os Factos Sociaes — dirá as suas impressões — sincera e carinhosamente.

VII

Ex.^{mo} Snr.

não esqueci o meu grato dever. De modo algum. No proprio dia em que num cartão (que se cruzou com o bilhete de V. Ex.^a) agradeçi a homenagem im-merceda com que me quiz distinguir, fui abrindo o volume e inteirando-me pouco a pouco das suas ideias sobre magnos problemas sociaes como o da Instrução e da Moral. Toda a tarde e toda a noite da-quele domingo, passei-as em companhia de V. Ex.^a — e depois renovei a conversa varias vezes, embora sem grande demora: duas horas não são suficientes para uma obra como a de V. Ex.^a — pelo menos para quem não engole apenas.

Muita vez concordei e aplaudi sem restrições — p. ex., no pouco que diz dos deveres dos paes e do divórçio; nas suas queixas sobre a indisciplina, a repugnância pelo trabalho, a vida parisitária dos seus coevos, — a falta de orientação positivista dos Politicos, a necessidade de acção comum dos Republicanos.

Outras vezes discordei de leve — p. ex. quanto à educação da mulher — notando certa falta de coherencia e unidade das ideias que adopta.

Tambem ha opiniões em que me afasto do ponto de vista em que V. Ex.^a se collocou. Principalmente nas paginas dedicadas a Christo. V. Ex.^a segue de perto alguns modernos pensadores franceses, influidos demasiadamente e sem os embargos devidos, pelas teorias de Lombroso.

O fundador de uma religião que, apesar de tudo, foi um dos factos mais importantes da historia da civilização humana, trata-se assim de *degenerado*? A palavra

é dura e mal-aplicada. O que ha de evidentemente verdadeiro na concepção desses scienistas, não é novidade. Os filosofos gregos já o sabiam. *Nullum magnum ingenium sine mixtura dementiae fuit.* Que a doutrina se especifique, explique e aplique, é justo e util. Mas com dignidade. E não para rebaixar o que é grande.

Alheia por indole a todos os dogmatismos, sou religiosa no sentido verdadeiro da palavra. Presto culto não só à religião do dever, mas, apesar de Nietzsche, à do altruismo ou da compaixão. E, de longe embora, — porque me faltava vagar e oportunidade para o fazer de perto — vou seguindo os trabalhos admiraveis dos historiadores e teólogos alemães a respeito da figura histórica de Christo, baseados em parte nas parcelas curiosas do Evangelho de S. Pedro.

Se V. Ex.^a, fiel à devisa *Vitam impendere vero*, continuar na sua evolução mental e moral, sempre progressiva, creio que neste ponto e em mais alguns mudará de ideias — sem abandonar o estandarte positivista que com tanto vigor alteia. Os Franceses, se não os traduziram ainda, hão de seguramente nacionalizar as obras de Harnack etc., etc.

Tardei em escrever estas linhas — com a simpatia mas tambem com a franqueza que V. Ex.^a me inspira, porque não tive ultimamente o sossego necessario: — a ausencia de meus filhos levou-me a cuidar dos nossos netinhos; a doença de meu marido, e certo mal-estar pessoal fizeram em seguida que adiantasse apenas os trabalhos mais urgentes.

Se não fosse isso, já teria dito a V. Ex.^a quanto me agrada o seu amor ao trabalho, a sua vontade de ser

util, a sua admiração sincera pela obra e pela vida de Teófilo Braga, o seu desejo energético de se libertar a si proprio e aos seus conterraneos de preconceitos, superstições, fanatismos, orientando-os positivisticallymente.

Que V. Ex.^a continue a ser um *construtor*; que na *Historia do Positivismo em Portugal*, que prepara, exponha eloquentemente a influencia benefica que o sistema de Comte exerceu na sua mentalidade, proporcionando-lhe serenidade moral, tenacidade, e um plano de vida digna e prestadia — eis o meu desejo... e a minha esperança.

Quanto ao estilo, acho-o atrahente pela sua espontaneidade vivaz; em geral sobrio, claro, adequado. Em vista disso, pouco importa que de longe em longe haja algumas incorrecções. Relendo a sua obra, d'aquí a certa distancia, V. Ex.^a as reconhecerá sem duvida alguma. Renovando a expressão do meu sentido reconhecimento, sou de V. Ex.^a admiradora sincera.

Carolina M. de Vasconcellos.

E sua filha, vae bem?

VIII⁽¹⁾

Ex.^{mo} Snr.

falei hontem à noite com a minha amiga. Interessei-a de veras no assunto. De coração deseja poder proporcionar-lhe quanto antes trabalho lucra-

¹ As cartas VIII-XIII tratam, como se verá, de assuntos íntimos da minha vida. Não tenho que as ocultar, porque elas marcam horas amargas de luta, e são, até certo ponto, esclarecedoras de um aspecto da minha existência. A independência do meu pensar custava-me cara, e contra ela, como se vê, se aliavam multiplas influências. (A. P.)

tivo. Mas... não desconhece as dificuldades, e de experiencia propria sabe, quanto tempo leva às vezes, encontrar lições, tornar-se conhecida! Ela falará a Duarte Leite e Albuquerque mas pensa, como nós, que V. Ex.^a deve dirigir-se pessoalmente ao Centro Republicano, que moralmente está obrigado a auxiliá-lo.

Em principio, não aprova a attitude de Th. Braga¹ — ensinada pela vida de que nunca é bom largar o certo pelo incerto, e tambem de que em Portugal não é facil juntar 600.000 reis. Ela trabalhou onze anos para pôr de lado, pouco a pouco, às migalhas, o conto de reis, que ofereceu às viúvas e orfans dos Jornalistas. E tem excellentes lições, bem remuneradas.

Muito à pressa de V. Ex.^a *sincerely*

Porto, 17-xi-o8.

Carolina M. de Vasconcellos.

IX

Ex.^{mo} Snr.

não o esqueci, de modo algum. Muito, pelo contrario, sem que V. Ex.^a tal me pedisse, tornei a recomenda-lo, ainda ha pouco, para o posto de conservador na Biblioteca. Mas como o fizesse quasi desiludida, e resolvida a não voltar à carga, se o meu empenho não desse resultado, repugnava-me falar do assunto. Com efeito, deve haver quem contrarie e neutralize tudo quanto tentei.

¹ Alusão ao meu projeto de ir para Lourenço Marques, ganhar 600.000 por ano, projeto que Teófilo Braga contrariava. (A. P.).

Com respeito à *Patria*, não perdi em absoluto a esperança — porque uma promessa, embora vaga, deve cumprir-se¹.

Não imagina quanto estimei saber que V. Ex.^a, pelos seus próprios esforços, conseguisse alguma cousa e estava, por isso mesmo, mais satisfeito e animado. Ainda bem. Os princípios são sempre difíceis mas com a energia e boa vontade de V. Ex.^a vence-se a final — apesar de todas as contrariedades e malquerenças. O caso é — persistir.

Mais ainda estimei que, indirectamente embora, V. Ex.^a seja agora discípulo de D. Luiza. Que o seu amigo² continue. A benéfica influencia da grande alma e do fino saber de minha amiga não deixará de actuar em ambos, ora como calmante, ora como estimulante. Não ha meio melhor de fortalecer o espirito — no meio de miserias acabrunhadoras — do que a nobre distração de o empregar no estudo de alguma coisa nova e útil.

Os meus livros estão ao seu dispôr. Não compre *nemhum*, sem me preguntar se lh'o posso emprestar. Hoje lhe envio emprestado — o de leitura (do Campos) — : como verá ele tem dedicatoria e é de meu marido. Pode todavia ficar com ele, até que esteja pronto a ler obras inteiras, quer scientificas, quer beletísticas. — De presente vae um exemplar do Dicionario *pequeno* de H. Michaëlis (minha irmã). Conquanto não contenha nem

¹ Não se cumpriu, nunca se cumpriu, por opposição das influências a que alludi. (*A. P.*).

² Francisco José de Moraes — discípulo de D. Luiza Rodrigues de Freitas, o qual me ensinava o al emão que aprendia com a sua distinta professora. (*A. P.*)

metade do grande, ha de servir por ora. Queira inscrever as emendas dos erros que notar. Parece-me isso um dever geral: cada leitor deve ser um collaborador.

Desejando de coração que os boatos que correm a respeito do *Norte* sejam falsos — para V. Ex.^a não se ver em novas lutas e magoas, sou como sempre de V. Ex.^a amiga sincera

Porto. 18-xi-09.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

X

Ex.^{mo} Snr.

da carta que ha pouco recebi do Duarte Leite comunico a V. Ex.^a os topicos principaes.

Quando ao novo Diario Republicano¹, os obstaculos ainda não foram removidos — infelizmente.

Com relação ao Concurso é provavel, *mas não certo* o provimento de Bruno — por causa das disposições legaes, em que avulta o diploma de bibliothecario-archivista. No Concurso, disputado por varios, promete valer a V. Ex.^a nas condições reclamadas. Diz todavia que será preciso procurarmos outras sympathias no Corpo de vereação sobretudo no espirito do Dr. Correia Pacheco. Veja V. Ex.^a, se conhece alguém que se lhe possa dirigir? Infelizmente eu não o conheço — nem mesmo de vista.

Oxalá consiga o que deseja!

1910.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

¹ O jornal *Patria*, a que a autora se refere na carta anterior. (A. P.).

XI

Ex.^{mo} Snr.

ha quasi um mez que estou fora do Porto — em férias — na nossa choupana das Aguas-Santas da Maia, como no anno passado. Por isso não me foi possível dar-lhe resposta immediata à carta que hoje de manhã me foi entregue.

Quanto ao novo jornal planeado, sei que as difficuldades financeiras ainda não estão removidas. E sei que o Dr. Duarte Leite está muito disposto a dar a V. Ex.^a o posto desejado — caso se chegue a solução favoravel. D. Luiza prometera-me enviar a V. Ex.^a *A Patuleia*. E ela nunca falta à sua palavra!

O que não comprehendo bem é que V. Ex.^a não se explique francamente com os Directores e Administradores da *Voz Publica*¹ — ou que não peça a alguém (como o Bruno) a sua intervenção! Não me parece bom esperar tanto tempo — criando por ventura mal entendidos — de mais a mais nas condições de V. Ex.^a — *Suum cuique*.

Com desejos sinceros pelo bem estar dos seus; — de V. Ex.^a — *truly*

C. M. de V.

XII

Ex.^{mo} Snr.

«está aberto concurso para preenchimento de uma vaga de lente proprietario da Cadeira de philosophia na Academia Polytechnica do Porto».

¹ Eu era colaborador político effectivo dêste jornal, para onde entrara pela mão amiga de Sampaio (Bruno), e onde trabalhei de graça, durante dois annos. (*A. P.*).

Li com sobresalto esta noticia. Apresente-se a todos os lentes — prepare-se e tente fortuna, sim?!

Não me disse V. Ex.^a se os seus pequenos gostavam do livrinho que lhês mandei para o Natal?! Espero que sim.

De V. Ex.^a ven.dora m.to sincera.

Carolina M. de Vasconcellos

XIII

Ex.^{mo} Snr.

apresso-me a responder à sua triste cartinha. Tomára eu poder resolver desde já *favoravelmente* a crise em que se encontra! colocando-o em qualquer posto que lhe garantisse o pão nosso de cada dia para os entes que lhe são caros! Mas... os princípios são sempre difíceis — não se faça ilusões a este respeito! Tanto M.^{me} Freitas como M.^{lle} Louise Ey — as' melhores professoras que o Porto teve e tem — passaram tambem por um tempo longo de angustiosa espera — antes de arranjam os primeiros discípulos. Não desanime! Seguramente é mau e arduo fazer dividas — mas no caso de V. Ex.^a não é vergonha. É dever.

Amanhã (2.^a feira) conto falar a D. Luiza R. de Freitas. Por ora não foi possível — por ela estar de cama, prohibida de falar (com um ataque de coração). Ela tem feito na sua vida muitos gestos de generosidade como os em que V. Ex.^a pensa, cedendo lições a professores. As que *tem*, não servem todavia, porque ela ensina exclusivamente linguas vivas — em geral só alemão! Nunca prepara para exames.

Reenvio a carta de Th. Braga. Meu marido leu-a e apreciou-a. De boa vontade recomendará V. Ex.^a aos

colegas e estudantes do Liceu, assim como a directores de collegios — para as disciplinas que V. Ex.^a indicou. Toda esta semana não houve aulas — ninguém trabalhou — tudo festas e mais festas. Ele prevê todavia dificuldades por causa do *Credo* de V. Ex.^a É de opinião que é necessario arranjar recomendações dos seus correligionarios para o Centro Republicano de cá — tanto do Teophilo como de Bernardino Machado. Como ele está cá (o Bern). era boa ocasião. Veja, se por este caminho consegue alguma coisa.

D. Luíza falará a Duarte Leite, com empenho, (parece-me que o posso afiançar). E se V. Ex.^a não quiser anunciar no *Norte, Voz Publica* etc., por que não coloca pelo menos o seu cartão de visitas, com as indicações precisas, na vitrine dos Lellos?

Tornar-se conhecido neste meio, eis o que importa por ora.

Tenciono falar tambem de V. Ex.^a ao nosso procurador.

Se houvesse Concursos de Liceu...! mas por ora não os ha — e havendo-os, fazem-se em Lisboa e não aqui.

Quanto à *Polytechnica*, ignoro por ora, se ha vagas. Bem sabe que lá ha um grupo republicano influente.

Se quiser aceitar de mim — algum dinheiro adiantado (sem juros, bem se vê) fale com franqueza. Se *pudesse* ser muito, oferecia-lho com a mesma singeleza. Não somos ricos, porem... e de tempos maus, por que passámos — ainda temos compromissos, de sorte que não podemos dispôr com liberdade do que vamos ganhando.

De V. Ex.^a *sincerely*

Carolina M. de Vasconcellos.

XIV

Aguas-Santas da Maia, 17-VIII-11.

Ex.^{mo} Snr.

bravo — bravissimo ! Li com muita atenção o seu sensato e sóbrio apelo aos Conservadores da nação portuguesa — aplaudindo — satisfeita por ver que concordamos no essencial.

Que cada um trabalhe ardente e conscienciosamente na solução de problemas concretos — em coisas uteis de resultados positivos, salutareos para o interesse do país — que todos contribuam com o *quantum* da sua intelligencia para a educação e instrução do povo. — Que se conserve tudo quanto está feito de bom — e que se emende o imperfeito. Que se desenvolvam todas as energias latentes — eis o que importa.

Oxalá os excelentes conselhos de V. Ex.^a calassem fundo em muitos espiritos ! — Mas... como V. Ex.^a, receio que apenas vinguem nas almas de aqueles que já, em si e de per si eram co-religionarios de V. Ex.^a e procediam em conformidade.

*Ex corde**Carolina Michaëlis de Vasconcellos.*

XV

Ex.^{mo} Snr.

muito obrigado pela cartinha de felicitações e pelo Postal. O impresso anunciado, ainda não o recebi. Não me esqueço de V. Ex.^a — nem lhe quero mal, de modo algum. — Extranhei apenas que não me tivesse dado parte da sua nomeação para professor do Liceu¹ — porque sabia que muito e muito me rego-

¹ Eu fôra, em Fevereiro de 1911, nomeado professor provisório

zijaria com isso. — Oxalá seja agora feliz! — em tudo. — Se um dia as suas circunstancias lhe permitirem auxiliar outros que luctam com difficuldades — não se esqueça de que gostarei que o faça com a minha mediação, sabedor de que gosto muito de consolar aflitos e valer aos desgraçados.

Como sempre

Ex corde

C. M. de V.

XVI

Porto, 4-vi-15

Ex.^{mo} Snr. e amigo

recebi tanto o livro¹ como o postal — e numa noite de insonia li — saboreei as inspirações da sua Musa ou das suas Musas. Benditas sejam elas por terem actuado nas forças criadoras da sua alma! Gostei de tudo: — do titulo suggestivo — do prefacio, encantador. embora ele prometa não direi mais, mas coisa diversa do que nos dá; — dos 2 Sonetos *pensierosos* que me dedicou — da sua linguagem perfumada. — Quais são as poesias que prefiro? — alem do Prefacio — a *Imoral* — a que dedicou à D Domitila — e a Elegia do outono.

Para os *q. q. q.* tive um sorriso de simpatica comprehensão — embora esses multiplos e monotonos representantes de tantissimos modelos latinos, ainda dêem mais

do Liceu de Passos Manuel, onde me conservei até final do anno lectivo seguinte. (*A. P.*)

¹ O meu livro de poemas, *Na Torre da Illuzão.* (*A. P.*)

na vista, e no ouvido, de quem sabe lêr, nessa sua abreviatura. —

Sinceros parabens e muito obrigada!

Quanto a mim... estou cansada, e... desalentada. — Apesar da resistente elasticidade do meu espírito e do meu coração, multiplicam-se os dias em que tenho desejos do sono brando de que não acordamos.

Sincera e leal

Carolina Michaëlis de Vasconcellos

XVII

Porto, 16-x-12

Ex.^{mo} Snr. — muitissimo obrigada pelas suas boas cartas. Felizmente vou melhorando mais de pressa do que esperara. — O lindo sol de Portugal contribue poderosamente a restabelecer-me. — Na Alemanha não *respirava* bem, em quartos prematuramente aquecidos. — Fisicamente. — Quanto á atmosfera espiritual, dei-me lá muito bem! Os cuidados pelos meus tres netinhos (o terceiro recém-nascido) não admitem por ora que recomece os meus trabalhos. E talvez me ajudem a moderar um pouco o compasso da minha actividade. No fundo, creio que é a velhice que vem tomar posse de mim. — Devo conciliar-me com ela — e recebê-la graciosamente — para que se afeiçoe de mim e não me atormente muito.

Mesmo com cabelos brancos procurarei conservar a juvenillidade da minha alma.

Espero com interesse pelos seus livros e pela carta prometida.

Ex corde

C. M. de V.

XVIII

Porto, 11-vii-13.

Ex.^{mo} Snr. e amigo—

que lhe hei de responder?

Fazendo um esforço vou dizer-lhe que estou melhor — um tanto descansada — e já imersa em trabalhos literários (de investigação) que interessando-me, me arrancam ao *taedium vitae*.

É pouco — e é muito ao mesmo tempo.

Oxalá assim eu pudesse valer a V. Ex.^a — em todos os sentidos! — A V. Ex.^a e a outros igualmente tristes e desiludidos.

Com sincera simpatia
de V. Ex.^a gratissima

Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

XIX

Porto, 25-viii-13.

Ex.^{mo} Snr. e amigo

à espera do telegrama que me ha de dizer que «tenho quarto», estou a fazer as malas (não! a mala) para as Pedras Salgadas onde, descansando etc., espero recuperar forças... e «Lebensmut» para o inverno.

Recebi «A Politica Portuguesa», com sobresalto, porque espero muito da intelligencia e do caracter de V. Ex.^a — Por ora, li apenas a Introdução com serio interesse — aplaudindo a sua moderação, probidade e desapaixonada imparcialidade.

Sei que nos Artigos e nos Discursos de que li trechos, abrindo as páginas, ha muito espirito partidario — e deve havê-lo. Exigem o impossivel os que os queriam competetrados da calma tristeza e ideias filosoficas do Introito.

Faço votos para que V. Ex.^a não desanime — continuando na sua missão de prègar juizo e ordem e instrução e educação civica e scientifica, — porque, se é positivo que a Monarquia não tinha amigos, é igualmente positivo que a Republica os vai perdendo — ambos por culpas dos seus representantes — e sobretudo por não ser, conforme prometera, de todos e para todos.

Pela gentileza da oferta — fico-lhe muito grata. Oxa-lá V. Ex.^a veja o fruto da sua propaganda — do seu exemplo e da sua doutrina.

Eu tanto queria ver prospera e feliz esta terra e esta nação que amo — a terra de meu marido, meu filho, meus netos.

De V. Ex.^a
Admiradora sincera

Carolina M. de V.

XX

Porto, 29-1-15.

Ex.^{mo} Snr. e amigo,

não imagina o prazer que em esta sua casa causou o seu artigo sensato e audaz: *Lucta de Imperialismos*¹. Tenho-lhe feito uma propaganda eficaz — tanto neste triste país, como na minha patria. É lá o contra-veneno contra o inqualificavel Manifesto da Academia teofilo-Cabreiracea — na qual me

¹ Publicado na revista *Nação Portuguesa* (Novembro de 1914). (A. P.).

meteram contra vontade, e da qual me despedi na propria hora em que o lera.

Da Alemanha tive por hora uma só resposta — eine deutsche Frau drückt Ihnen dankbar die Hand — e está a traduzir a sua vigorosa prosa.

Mil vezes agradecida

C. M. de Vasconcellos

Tenho coleção integral do *Berliner Tageblatt*—desde 30 de Julho e muitos outros Jornaes. Coligi tudo para um trabalho futuro, esclarecedor. Mas tudo está ao seu dispôr, se por ventura lhe servir. — V. Ex.^a já nos conhece bem — mas supponho que o estudo desses Jornaes completaria a sua simpatia pelo nosso inextirpavel idealismo.

Os artigos que no Commercio do Porto relatam pouco a pouco os acontecimentos da guerra — pragmaticamente — claro que são nossos. É meo filho que os redige.

Eu tento representar, nobremente em Coimbra, — a alma alemã, e digo sempre, alto e bom som, o que penso e sinto.

XXI

Porto, 6.^a f., 19-III-15.

Ex.^{mo} Snr. e amigo,

sim, meu marido enganara-se nas suas informações. Confundira nomes. Agora verificou que seu recomendado frequenta realmente a 6.^a classe 1.^a turma. Mas nessa, ele não é *Director*. *Apenas dá lições de Inglês*. Foi muita pena não ter V. Ex.^a chamado a atenção dele para o rapaz logo em Outubro. Agora é tarde — fins do 2.^o periodo. Como verá pelas Notas, houve *baixas* nele. Aconselhem ao rapaz que se aplique e seja regular na frequencia — a ver se se

levanta novamente. De boa vontade meu marido o auxiliará — nesse empenho.

Recebi a *Alma ajoelhada*. Por ora só li os encantadores e comovedores Sonetos de Amor. Nas férias terei talvez algum descanso — talvez. Este ano é terrível — faz-me sentir dolorosamente que não fazemos bem em sair da patria.

Lá vão morrendo um a um os que eu amava e me amavam. E eu não posso ir lá. — Nem mesmo as cartas chegam com regularidade!

Muito me obsequieia deixando-me ler a sua Conferencia¹! Tanta vez tenho vontade de lhe enviar coisas da Alemanha! Fez mal em deixar o estudo da nossa lingua.

De V. Ex.^a
admiradora sincera

C. M. de V.

Conhece os Artigos de Houston Stewart Chamberlain, de Bayreuth — genro de Richard Wagner?

XXII

Ex.^{mo} Snr. e amigo,
sinto *imenso* que não possa aproveitar os meus ricos materiais.

O que se publica em linguas estrangeiras é BANALÍSSIMO e não dá ideia do que é a Alemanha.

Quem ha então, em Portugal, a não ser V. Ex.^a, — que nos possa fazer justiça? — que nos conheça de fora e de dentro?

¹ A *significação philosophica da guerra europeia*, proferida na Liga Naval Portuguesa, em 20 de Março de 1915.

Diga-me, com franqueza, se o A. Sergio tem força de trabalho, amor à verdade e simpatia bastante para tratar do assunto.

Não recebi o livro que me destinava.

Claro que lhe enviarei a tradução do seu estudo, mal chegue às minhas mãos.

Sempre grata

C. M. de V.

XXIII

Porto, 29-III-15.

Ex.^{mo} Snr. e amigo,

mande-me a sua conferencia com erros ou sem erros — mas sem grande demora — para eu tentar alguma coisa na Alemanha. — A tradutora dos *Imperialismos* pergunta-me hoje se V. Ex.^a — se eu — e se meu filho recebemos Impressos da mão dela (D. Maria Abeking). Nós cá *não* recebemos nada: E V. Ex.^a?

Envio hoje varias coisinhas (os artigos do Chamberlain seguem em volume, logo que eu os receba de Munich).

Junto 2 Gramaticas — na firme esperanza que V. Ex.^a dedicará cada dia uma hora ou meia-hora ao estudo da lingua de Kant, Beethoven, Goethe. Olhe: eu não tive professor para lingua alguma: sou autodidacta. E Catão aprendeu o grego na idade de 90 anos.

Estou certa de que tem firmeza de volição bastante para ao cabo de um ano saber um livro, um Jornal. Em Coimbra já tive um aluno (um) que realizou este milagre. Não teimaria, se não tivesse a certeza de que o seu futuro seria prometedor, se «tivesse ao lume mais esse ferro».

As perguntas ou noticias juntas são de... — Ele tenciona procurar V. Ex.^a — depois de combinarem lugar e hora — nesta 4.^a feira.

Claro que é germanó-filo como todos os meus; e muito queria que os Jornaes port. informassem o publico com maior veracidade.

Se V. Ex.^a — por meio dos telegramas e dos artigos que ele lhe oferece desinteressadamente — tivesse quaesquer vantagens, nós todos ficaríamos contentissimos.

Mas qual é o Jornal lisbonense que se prontifique a falar verdade?

Qual?

Quanto às minhas tristezas, não imagine que me deixo inutilizar por elas. Trabalho sempre. Meus alunos de Coimbra, que lh'ò digam. Mas o esforço é grande e deixa vestigios — no fisico sobretudo. A saude vai diminuindo constantemente.

Com affectuosas lembranças

Carolina M. de Vasconcellos.

XXIV

Ao Ex.^{mo} Poeta das *Cartas de um Esteta* a outro Esteta, Carolina Michaëlis de Vasconcellos, antes de recolher à solidão das Aguas Santas não quer deixar de manifestar, em duas palavras, que essa prosa lhe agrada imenso, pelo seu ritmo musical, a sua côr, as imagens, as nuances — mas também pelas ideias. E também que lê as novas Cartas — no *Dia* — saboreando-as.

XXV

Porto, 24-iv-16,

Ex.^{mo} Snr.

amigo, sim; esquecido, não! De modo algum. Leio sempre no «Dia» as claras, concisas e nobremente francas exposições das suas ideias — e de cada vez, uma saudação admirativa e de simpatia vai da minha alma para a sua. Mas as magoas profundas que vou sofrendo — causadas por ambas as minhas pátrias — tornam-me muda.

Apenas lhe direi que das belas orações para seus filhos (que devem ter a idade dos meus netos) o que agora mesmo — depois dos últimos decretos — mais me sensibilizou foi o Soneto da p. 45:

Viver a vida calma de um Convento!

Para ter um simulacro dessa vida tranqüila e santa estive oito dias no Bussaco. — Paz — antes da guerra!

Vamos ver se me deixam em Portugal — ou se me expulsam.

Gratissima — *ex corde*

C. M. de Vasconcellos.

P. S. Nem sei se lhe mandei as bagatelas que publiquei ultimamente? *filologices!*

XXVI

Porto, Cedofeita 159, 20-v-17.

Ex.^{mo} Snr. e amigo,

venho tarde agradecer-lhe a gentileza de me ter feito leitora, e admiradora das suas Orquídeas. Não repito «Paisagem de Orquideas (— e muito menos «Paysagem de Orchideas» —) porque, se cada uma dessas obras primas da Arte da Natureza me

encanta, já a sua reunião num ramallete me parece excessiva. E então: uma paisagem!

Pela mesma razão entendo que fizeram bem os que outorgaram a Murillo e Velasquez sala especial no Prado e melhor ainda os que em Dresden e Darmstadt colocaram a Madonnã Sextina e a de Holbein, isoladas, num recinto, sobrio de côr.

V. Ex.^o revela-se cada vez mais mestre na arte musical de rimar, mas também mais insubmisso — mais revolucionario aristocratico; da ortografia, da sintaxe, do ritmo, da metrica, nas ideias e sensações; ou no *espiritito*. Sonhador torturado (— a cepa e a oliveira, e depois delas o castanheiro — as plantas que os melhores sucos produzem são as mais torturadas) — esteta bizarro — inimigo figadal de todas as banalidades.

Sonhador... de sonhos nostalgicos e um tanto crueis. — Um Narciso que, namorado de si proprio, mas também com tédio da sua propria beleza, está constantemente a mirar-se na agua parada e mortíça dos espelhos.

Quanto aos versos de quinze e de dezanove silabas — belos por serem novos e por se adaptarem ao estado da alma de quem ideou o Palacio em ruinas — eu lembro-me, e lembro-lhe, a sorte que desde que ha poesia, tiveram as *Lange-zeilen*. Porquê? porque o nosso ouvido não abrange compassos de tantas notas. Não vai alem do *Alexandrino* — do *Hexâmetro*, do *Nibelungenvers* — e mesmo dessas especies só gosto em letra épica. A épico-lirica do romance — castelhano — que não é senão uma *laisse* ou tirada de epopeia — decompõe o *Langverso* em duas metades.

E olhe, a orquidea que mais me impressionou — por ser a mais musica de todas, — é a que se denomina

«Dia de Neve», e é ritmicamente a mais singela e natural de todas.

Com afectuosas lembranças

Carolina M. de Vasconcelos.

27-v-17.

XXVII

Ex.^{mo} Snr. e amigo,

francamente — eu acho indignas de reprodução as palavras que dediquei ao seu belo livro. — Mas... se V. Ex.^a e o seu amigo¹ tiver empenho nisso... cedo e conformo-me.

Muito obrigada pelo novo livro. Reservo a leitura para um dia de folga. Hoje tenho de fazer a viagem semanal a Coimbra. Amanhã tenho de dar aos alunos do 3.^o ano de alemão uma ideia do que foram os Reformadores.

Por isso estou a folhear os tres volumes de Hartmann Grisar S. J. relativos a Luther².

Com afectuosas lembranças

De V. Ex.
admiradora sincera
C. M. de V.

XXVIII

Porto, 25/xi/17.

Ex.^{mo} Snr. e amigo

de regresso de Coimbra en-

¹ Anibal Soares, então, Director do *Diário Nacional* (A. P.).

² Saiu, em 1931, destes três volumes, um resumo, *Martin Luther, sa vie et son œuvre*, em edição de 2.500 exemplares (P. Lethielleux, Paris) que se não renovará. (A. P.).

contro a sua bemvinda cartinha. E apresso-me a responder às suas perguntas.

Hesito um instante quanto à primeira por não saber ao certo em que sentido hei de tomar a frase «*comparaître en l'étude*». Se o significado fôr comparecer num Cartorio ou escritorio, eu preferiria dizer *dans l'étude*: — Em geral *en* < *in* (lat.) indica mais vagamente — menos precisa ou determinadamente à entrada em (ou chegada a) qualquer sítio, do que *dans* que etimologicamente e usualmente equivale a *de intus* = no interior de... dentro de (— quer local, quer temporariamente).

mais	On conduit quelqu'un <i>en prison</i>
	on le renferme <i>dans</i> une salle...
	On range les troupes <i>en</i> bataille
mais	
	on a un cheval tué <i>dans</i> la bataille.
	On fait un voyage <i>en</i> deux heures
mais	
	on promet venir <i>dans</i> deux heures

Etc. São exemplos típicos que me dançam na memória desde o tempo de Colegial.

En l'étude também não estaria em harmonia com a regra que manda usar *en* sem artigo e *dans* com o artigo.

Quem disse *comp. en l.'* lembrava-se talvez da fórmula *Comparaitre en jugement*. Mas também nela não ha artigo.

2.) *Eux*, em linguagem arcaica *els* < *illos* — é a forma, ou digamos a variante *absoluta*, independente, de *ils* — Esta forma *conjointe* acompanha formas verbaes. *Aquela*, não. Anda sempre *desligada* delas.

Je donne	Qui donne?	— Sing.	Moi	— Pl.	Nous
tu	s		Toi	—	Vous
il			Lui	—	Eux

É portanto plural de *lui*... E comme moi, toi, lui, aparece em companhia de preposições. Equivale a *essas pessoas*.

Bastará? ou deseja mais pormenores e exemplos? Eu felizmente, estou agora um pouco melhor de saúde. Sou capaz de *aprender* e de *ensinar*, e escrevi mais algumas Notas Vicentinas, que espero enviar-lhe brevemente.

Com curiosidade e impaciência espero a sua nova obra de beleza.

E sou, como dantes, de V. Ex.^ª

admiradora sincera

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

XXIX

Ao artista das cartas «Cartas sem Destino» cujas harmonias tornam

L'univers moins hideux et les instants moins lourds

Carolina Michaëlis de Vasconcelos envia — finalmente — os seus agradecimentos pelas horas deliciosas que a leitura lhe proporcionou fazendo ressoar na sua alma a quadra de Lenau

Poesie ist tiefes Schmerzen
und es dringt ein wahres Lied
einzig aus dem Meuschenhezen
das ein heiles Weh durchglüht

A sua musa está a dormir? ou que produziu ela nos ultimos años de brutalidade?

XXX

Porto, 29-xii-19.

Ex.^{mo} Snr. e amigo,

certamente já sabe que infelizmente não me foi possível salvar o seu recommendo. O que o Snr. L. sabia de germanística foi insufficiente. Inteligente e trabalhador como é sair-se-ha seguramente bem do exame repetido ao cabo de um ano sem guerras e conflitos, em que se possa dedicar deveras ao estudo do ingles e do alemão.

Muito me interessa e agrada o que o Snr. A. Pimenta me conta das suas empresas literarias: o «Livro das muitas e variadas coisas» — Os Versos — As Conferencias e lições.

Embora Coimbra me roube o melhor do meu tempo e das minhas forças, ultimei diversos trabalhos: o *Glossario do Cancioneiro da Ajuda* — o *Cancioneiro de Fernandes Thomas* — o *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro* (isto é estudos sobre Camões e os Camonistas e sobre o problema dos supostos plagios) — a *Tragedia de Uriel da Costa* etc. Mas tudo está por imprimir.

Meu trabalho predilecto é todavia a educação dos nossos tres netos.

E Coimbra, onde julgo que prestei e presto alguns serviços

Que o ano novo seja fecundo para todos — ano de paz e de trabalho util.

De V. Ex.^a
admiradora sincera

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

XXXI

Ex.^{mo} Snr. e amigo,
até agora *não* recebi o ex.
do ultimo livro de V. Ex. com que quis obsequiar-me.
Nem recebi a tradução.

— A recomendação de que me incumbiu já está feita.
Mas sem resultado. — O aluno, cujo nome V. Ex.^a me
indica, não está nas turmas de meu marido, Alias ele
teria muito gosto em protegê-lo.

Muito à pressa

De V. Ex.^a
admiradora sincera
C. M. de V.

XXXII

Porto, 9 de Abril de 1921.

Ex.^{mo} Snr. e amigo,
ha dias remeti-lhe um exem-
plar do *Cancioneiro de D. Denis* para que finalmente
soubesse que recebi a sua carta e estou muito disposta
a ajuda-lo. *O Cancioneiro da Ajuda* irá, logo que tiver
um exemplar ao meu dispôr — digo mal: logo que tiver
dois porque um já está prometido ao Agostinho de
Campos.

Já tinha encomendado alguns, juntamente com o Lang
antes de saber dos seus desejos — à vista dos preços
fabulosos que o livreiro Moraes de lá, e o Moreira de
cá levam pelos exemplares que, por minha intervenção
ainda compraram baratos (relativamente). Mas o Nie-
meyer respondeu-me laconicamente que a edição estava
esgotada. Espero e creio que a noticia seja falsa, por-
que no principio do ano ainda me avisara de que tinha
uns trinta.

Não imagina as dificuldades, as despesas e os contratempos que a remessa de livros, impressos na Alemanha, me tem causado desde que temos esta paz pior que a guerra! Tudo quanto possuía, está dado (e vendido) de ha muito. Do *CA* tenho apenas o meu exemplar de uso. Folhas soltas, só incompleta, de sorte que não valem nada.

Interessa-me muito o que me conta das suas conferências em casa dos Condes de Nova Goa. A que constitue a ante-camara do Palacio dos «Principes» é uma delicia, e as seis salas em que nos introduz são todas Salas nobres.

No Livro das «Muitas e variadas Coisas» encontro algumas que encantam — e outras que me irritam e entristecem. Fascinante é sobretudo a lânguida e mórbida e insolente poesia da In-nominada que passa. Irrita-me e entristece-me... nada do que provem da sua vibratibilidade artística. — É o facto de eu, que adoro a poesia, não conhecer os modernissimos franceses que inspiraram *V. Ex.^a* — nem mesmo o portuguez João Gabriel da Gandara (se realmente existiu e não é apenas uma linda ficção como Fradique Mendes).

Tardios agradecimento por ambos os volumes de

Carolina Michaëlis de V.

Para a 1.^a ep. da poesia port., recomendo-lhe as paginas de Menendez y Pelayo — e a conferencia de Menendez Pidal e caso não possua os respectivos volumes empresto-lhe os meus; mas só na ocasião precisa: quando precisar deles.

XXXIII

Ex.^{mo} Snr. e amigo,
 também conheço apenas o *Jornal* e as *Cartas* da Bashkirzew — e ao espirito deliciosamente delicado e individual¹ pensei outro dia. Mas em Berlim leram-me (em 1898) versos *ineditos* dela — que salvo erro, estavam na posse da duquesa de Cajanello (A. Ch. Edgren Leffler, a grande novelista sueca que escreveu a biografia de Sonja Kowalewska). Ignoro se foram publicados.

Com relação á *Obra* de V. Ex.^a ela merece, sem duvida ser apresentada à Alemanha e sê-lo-ha — em selecção, num dos volumes da coleção Groos (Heidelberg *Neuere portugiesische Schriftsteller* que D. Luisa Ey — Hamburg Blankeneese — Wittsallee 15, — publica com minha ajuda.

Prevejo todavia que a tradução dos seus versos ha de custar — muito, muito, muito — Se lhe enviasse alguma coisa, o primeiro passo estava dado... Mais tarde uma pequena autobiografia da sua alma?

Pense nela; — sim?

Com affectuosas lembranças de,

Carolina M. de Vasconcellos.

XXXIV

Ao Ex.^{mo} Snr. Alfredo Pimenta,
 Carolina Michaëlis de Vasconcellos pede a fineza de

¹ Palavra ilegível. (A. P.).

lhe emprestar os artigos que escreveu acerca da Hist. da Col. Port. do Brazil e desde já agradece.

XXXV

Ex.^{mo} Snr. e amigo,

só para que veja que não me descuidei do seu pedido envio-lhe a carta do *Comercio do Porto*. — Li-os Pretextos e as Reflexões. E gostei *imenso. De tudo*. Vale a pena continuar!! e estou certa de que a 2.^a serie está começada. — Obrigada pelas boas palavras que me dedica.

— Oportunamente diga-me se o Dr. Ricardo Jorge lhe ofereceu (em nome dele, e no meu) a Conferencia?¹ Creio que ele me disse que sim.

Com affectuosas lembranças

C. M. de V.

XXXVI

Darmesteter, Hatzfeld et Thomas

Dictionnaire Général. 2 Vol.

A primeira edição era de 1882-94. — Ignoro a quantas chegou. — Apenas sei que ainda é hoje o mais citado (depois bem se vê de Littré e do da Acad. Franç).

A *Grammaire Historique* de Darmesteter de 1890 é realmente ainda hoje a mais usada e em ed. sucessivas.

Muita boa é tambem a do Dinamarques *Kr^a. Nyrop*

¹ A *Intercultura de Portugal e Espanha no passado e no futuro*, conferencia de R. J. com prefácio de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. (A. P.).

² Quando faleceu, em 1931, Nyrop deixou a sua *Grammaire historique de la langue française*, completa, em seis volumes. (A. P.).

Copenhague, Det Nordiske Forlag, 1899-1900-1903,
3 Vols.

Cumprimentando

(a) (*Kristoffer*).

C. M. de V.

XXXVII

Porto, 21-x-22.

Ex.^{mo} Snr. e amigo

estou novamente em correspondencia com D. Julian Ribera, o arabista insigne, que investiga a poesia lirica (e musica) dos Mussulmanos espanhoes. — e para tratar certo ponto, preciso reler o que ele escreveu no *Discurso* sobre a poesia epica e tambem o que eu disse no Relatoriozinho que em tempos lhe mandei. — Claro que depois de me servir de ambas as fontes, as hei-de pôr novamente ao seu dispôr. Oxalá vá bem. — Eu melhorei bastante mas ainda não estou livre da sciatica que perturba as minhas noites.

Com affectuosas lembranças

C. M. de V.

XXXVIII

Porto, 21-x-22.

Ex.^{mo} Snr. e amigo,

seguramente o Snr. Carqueja já lhe escreveu. A carta dele deve haver-se cruzado com a que ontem recebi, sua.

Não imagina a punhalada que a frase «Deus queira que V. E. seja atendida» me deu. — porque pela conversa que com ele tive (pois mal vindo de Oliveira dos Azemeis, veio falar-me) — conheci — duvidas hesitações, receios e vi que não aceitaria desde já e incondicionalmente a Colaboração de V. Ex.^a A opinião do publico sobre o *Comercio* — monarchico, é para ele amedrontadora

— É o que me pareceu — a-pesar dos circunloquios — apresentados com grande volubilidade. — Já o primeiro artigo de Basílio Teles — *O Jesuitismo* — sobre questão religiosa « havia bulido com os nervos dele — e das senhoras. » —

Em teoria aceita naturalmente a Colaboração de V. E. — e rejubila com ela — porque o admira, como todo o mundo. Na pratica... tem agora falta de espaço. Mas de um momento para outro — por resoluções tomadas numa conferencia dos proprietarios dos Jornaes — esse estado pode mudar. E então pedirá immediatamente à V. Ex.^a que cumpra a sua promessa.

O que me admira é que V. Ex.^a não seja colaborador do Jornal do Comercio (*do Rio*) que sempre pagava bem e era colaborado por Ol. Martins, Rodrigues de Freitas etc. (Maria Amalia, salvo erro) e onde o Conde de Sabugosa publica os seus tão belos estudos. Esse recomendava-o seguramente.

Ai-esta vida negra de agora é realmente cruel para almas como a sua. E eu, como vê, não valho nada. Triste de mim! Com muita pena

C. M. de V.

Julgo que o Com. paga cada artigo do Basilio a 30 esc. — É o que V. Ex. tambem deve obter, ou mais.

XXXIX

Ex.^{mo} Snr. e amigo

eis a carta do B. C. que foi entregue ontem. Ou eu entendera mal, ou ele mudou de ideias. Em todo o caso ha nela uma promessa — Oxalá se cumpra breve. *Ex corde*

C. M. de V.

XL

Ex.^{mo} Snr. e amigo

mil vezes obrigada pela Carta e pelo livro! Não me esqueci — mas os trabalhos são tantos e tão poucas as forças!

Envio-lhe uma das minhas últimas publicações e com sinceros desejos de saúde e felicidade para o grande artista que V. Ex.^a é.

E as suas preleções de literatura? não as publica? Cumprimentando...

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

28-XII-22

XLI

Porto, 8-v-25

Ex.^{mo} poeta — é realmente belo o que a *Saudade* lhe ditou! A *Introdução* é a parte que me comoveu mais profundamente. Mas quem a pôde escrever não foi infeliz; não deve maldizer da sua infancia e mocidade — chamando-a esteril, vã, inutil. — Viveu, sentiu a alegria de viver; sentiu a tristeza dos pecados; sempre em contacto com a *beleza*, pensou e disse coisas lindas. Deixa uma obra de formosura. Nem todos podem dizer tanto. —

Releio às vezes paginas dos *Pretextos* — Quando vem a segunda serie? — trabalha nela? —

— Tecnicamente agradam-me agora muito as quintilhas em hendecassilabos (VII).

— Quanto ao Julian Ribera, sempre gostava de ler o *compte-rendu* que em tempos lhe remeti — no estado em que estiver. — Viu as *musicas* — e ouviu-as? — E

leu o estudo? — O David Lopes tem um exemplar que lhe podia emprestar.

Em politica — acho pena que V. Ex.^a e o Trindade Coelho — capacidade de primeira ordem — não se possam associar aos esforços do António Sergio. As reformas planeadas são indispensaveis — creio eu. — Os bons deveriam colaborar na sua realisação. *Ex corde:*

Carolina Michaëlis de Vasconcellos

XLII

Porto, 22-xi-25.

Ex.^{mo} Snr. e amigo,

o opusculo sobre Sonetos e Sonetistas não é o que V. Ex.^a supõe — compõe-se apenas de notas *criticas*. Mas, para lh'o provar, lá vai um dos ultimos tres exemplares que possuo. Muito obrigada pelo artigo sobre juglares e juglaresas¹ — e pelas boas palavras que me dedica. A Revista do Occidente, ainda não a vi — mas mandarei busca-la hoje na Livraria Moreira. — A festa da Colonia alemã — em casa de meu filho mas organizada pelo Consul a pedido do ministro, foi... o que cóstumam ser taes ceremonias... a fotografia é horrenda — ha outras melhores. — Os unicos Portugueses convidados representavam os seus jornaes. Do ministro² gostei — é distinto e tem interesses

¹ No *Diário de Noticias*, (Cultura estrangeira), de 17 de Novembro de 1925. (A. P.).

² O Dr. Voretzsche, autor duma monografia muito apreciada — *Kunst Industriemuseum Kristiania, Führer durch eine Ausstellung chinesischer Gemälde*. e dum substancioso estudo *Auf den Fernen Osten bezugliche Manuskripte in den Bibliotheken Portugals*. (A. P.).

cultos. Com desejos de breve poder saborear os seus poemas em prosa e verso, da-lhe as Boas-Festas.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

Porque não falou do meu Uriel oportunamente? Não lhe agrada o tema? Acho curioso que ninguém se atreva em Portugal a tocar nele. —

XLIII

Porto, 9-xii-23

Ex.^{mo} Snr. e amigo

só duas palavras para desfazer um mal entendido a que aparentemente dei origem, sem querer. Verdade é que os amigos da Seara Nova, planeando a *Revista de Estudos Portugueses*, me pediram a minha colaboração e o meu nome — obtendo a primeira sem dificuldades, o segundo, só depois de alguma relutância, porque com a minha falta de pratica, de longe, ocupadíssima e doente como estou, difficilmente posso cumprir os meus deveres como desejaria.

Na ultima carta que dirigi a V. Ex.^a, havia, salvo erro, uma vaga referencia a esse proposito¹. Mas como na sua resposta (que não tenho á mão) houvesse uma cortesíssima mas formal repulsa, nada mais disse a respeito da aproximação a Antonio Sergio e Afonso Lopes Vieira — os verdadeiros redactores que trabalham e fizeram os convites. — Certa estou todavia de que as contribui-

¹ Essa carta extraviou-se, nas minhas mãos. Talvez, um dia, apareça! Quando menos a esperar. (A. P.).

ções de V. Ex.^a serão bem vindas e aplaudidas, com entusiasmo até. Quanto ao meu Relatoriosinho sobre Abencuzman etc. — ele fôra escrito para V. Ex.^a e ofertado a V. Ex.^a Portanto tinha todo o direito de dispôr dele — e eu nenhum de me queixar quando ocasionalmente desejava — ou teria desejado de o reler.

Anunciar a sua recepção — era *impossivel!* visto que não me tornou ás mãos! Se o mandou, extraviou-se. Mas deixemos isso! que de modo nenhum influi na minha admiração e amizade por V. Ex.^a

Breve espero enviar-lhe novas publicações minhas. Fazendo votos sinceros pelo seu bem-estar

Carolina Michaëlis de Vasconcellos

XLIV

Porto, 11-II-24.

Ex.^{mo} Snr. e amigo,

de cama onde estou ha mais de quinze dias, escrevo-lhe para lhe dizer *brevi manu* — que recebi o seu artigo¹, gostei dele, e julgo ficaria muito bem na Bibliografia da *Lusitania*. A *Revista da Universidade* está atrasadissima, sai irregularmente e é muito menos lida de que a que actualmente atrai o publico.

Mas não envio o seu manuscrito ao Afonso Lopes Vieira sem que V. Ex.^a me diga que está conforme.

Com affectuosas lembranças

Carolina M. de Vasconcellos

¹ Sôbre a edição, da Academia brasileira, dos versos de Gregório de Matos — uma edição estupendamente mal feita. (A. P.).

XLV

Porto, 7-v-24

Ex.^{mo} Snr. e amigo,

a sua cartinha desconsola-me!
O Afonso Lopes Vieira, a quem enviara o seu artigo,
— em Janeiro? — não o achou proprio para a *Lusitania*
— porque não deseja ferir o Brasil — e *prometeu-me*
*remeter-lho e escrever-lhe*¹.

Vou imediatamente dirigir-lhe duas palavras. — O
artigo relativo aos *Lusiadas* de 1572, recebi-o, e muito o
apreciei.

Se não o agradeçi ainda foi por estar em Coimbra.
Claro que *nunca mais* prometo coisa alguma como Di-
rectora da Revista: os Redactores são os que mandam!
A eles devem falar os solicitantes, e os queixosos.

A eles tambem se devem os louvores.

Com affectuosas lembranças

Carolina Michaëlis de Vasconcellos

XLVI

Porto, 20-viii-24

Ex.^{mo} Snr. e amigo

uma vez que me diz *não* pôs-
suir a Primeira Nota Vicentina, remeto-lhe um exemplar.
Ao mesmo tempo reenvio o N.º 29 da *America Bra-*

¹ Eis, sem comentários (bem inúteis!), a carta que o sr. Afonso Lopes Vieira me dirigiu: «Meu ex.^{mo} camarada: — Encarrega-me a Redacção da *Lusitania* de — com as nossas saudações e cumprimentos — lhe enviar o artigo àcerca de *G. de M.* em cuja publicação não vemos vantagem, ainda pelo lado protocolar das relações que desejamos manter com os nossos confrades brasileiros. Pedimos que não veja na nossa escusa menos consideração ou aprêço.

sileira — pois faria falta na sua coleção. O seu artigo agradou-me deveras — conciso e sensato como é!

Muito obrigada!

Vou assinar a Revista. Aqui no Porto ela não tem depositario. Se houver em Lisboa é favor indicar-mo. Sinceramente agradecida

Carolina Michaëlis de Vasconcellos

XLVII

Porto, 12-x-24

Ex.^{mo} Snr. e amigo

lá vão as *Notas Vicentinas* que lhe faltam: II III e IV (que, como as mais, appareceu na Revista da Universidade.)

Tanto nas ordens dadas na Imprensa a respeito de Separatas como na distribuição dos exemplares sou desleixada, bem o sei: — Desculpe.

A I recebeu-a o meu amigo, como vejo na lista respectiva (o N.º 19).

Não vi ainda na *America Brasileira* o artigo de V. Ex.^a sobre o Uriel e a Menina e Moça. Diga-me em que fasciculo saiu para o mandar comprar. E desde já muito e muito obrigada!

De saude, não vou bem, infelizmente. — Todavia melhorei alguma coisa em Entre-os-Rios. — Oxalá essas melhoras se acentuem!

Com affectuosas lembranças

Carolina Michaëlis de Vasconcellos

Camarada e admirador, Afonso Lopes Vieira». Está claro que passei logo o sr. A. L. V. para o número das pessoas que não conheço. (A. P.).

APÊNDICE

Na sua carta II, *in fine*, (a pág. 35), D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos alude à «actividade bemfazeja da Condessa Maria Droste zu Vischering», a «santa Superiora do Bom Pastor do Pôrto».

Ocorreu-me logo, é claro, a idéia de, em nota, dizer duas palavras sôbre tão insigne Senhora. Mas, reparando em que o assunto exigia certo desenvolvimento, resolvi pôr aqui, em Apêndice, o que, primeiro, tencionava pôr lá, em nota.

Talvês nem tôda a gente saiba que a Encíclica de Leão XIII *Annum Sacrum* (25 de Maio de 1899) é, em última análise, obra da Condessa Maria Droste zu Vischering, em religião, Irmã Maria do Divino Coração, Superiora que foi do Recolhimento do Bom Pastor do Pôrto.

Maria do Divino Coração nascera em Munster, no dia 8 de Setembro de 1863, dos Condes Clemente de Droste zu Vischering. Entrou para o Bom Pastor de Munster, em 21 de Novembro de 1888. Em 1894, foi encarregada de dirigir o Recolhimento do Pôrto. Foi nos anos de 1897 e 1898, que ela teve comunicações sobrenaturais da vontade do Senhor.

Depois de muitas hesitações e consultas ao seu confessor, o Cônego Teotónio Manuel Vieira de Castro, a Irmã Maria do Divino Coração escreveu, nos primeiros dias de Junho de 1898, uma carta ao Pontífice, em que lhe contava as comunicações que tivera. Essa carta chegou a Roma, no dia 14 de Junho, e foi o Primaz da Ordem de S. Bento, D. Hildebrando de Hemptienne, quem a entregou a Leão XIII, dizendo-lhe: «Esta carta é duma pessoa piedosa que deseja obedecer às ordens que recebe do Céu». Não se conhece o texto da carta. Em 6 de Janeiro de 1899, nova carta da Religiosa do Bom Pastor, uma longa carta, e emocionante.

Entretanto, o Cardial Jacobini, Núncio em Lisboa, encarregava-o o Pontífice de se informar de quem era a signatária das cartas.

Em 25 de Março dêsse ano, Leão XIII chamou o Cardial Mazella a quem contou o que se passava, entregando-lhe as cartas da Irmã Maria do Divino Coração, e as informações do Núncio Jacobini — acrescentando: «Senhor Cardial, tome essas cartas e guarde-as. Faça de conta, neste momento, que não existem».

E os teólogos foram consultados. Algumas oposições. Mas os textos de S. Tomás e de S.^{to} Agostinho, invocados oportunamente, desfizeram as objeções. E no dia 25 de Maio de 1899, o Pontífice

publicava a sua Encíclica *Annum Sacrum* depois de ter enviado à Irmã Maria do Divino Coração dois exemplares do Decreto da Sagrada Congregação dos Ritos que autoriza a recitação pública das ladainhas do Sagrado Coração de Jesus, e anuncia a Encíclica.

Está publicada a carta em que a Religiosa do Bom Pastor agradece ao Pontífice tão grande atenção. É uma página modelar de humildade ascética.

Mas de que se tratava? A Irmã Maria do Divino Coração dissera ao Pontífice que Jesus lhe ordenara que sugerisse ao Papa a idéia de consagrar o mundo inteiro ao Sagrado Coração — não só os batizados, mas todos os outros seres humanos pelos quais Ele dera a sua vida e o seu sangue.

A idéia não surpreendeu Leão XIII. «Há no mundo almas santas, dizia o Pontífice, em Abril de 1899, que recebem comunicações do Céu, e às vezes o Papa é confidente dessas comunicações de tal maneira que não pode duvidar de que emanem de Deus. Que diríeis, por exemplo, — se alguém vos manifestasse um pensamento que tivésseis guardado no fundo do vosso coração, sem o ter dado a conhecer a ninguém? Pois bem. É o que se passa a propósito da consagração do Universo ao Sagrado Coração de Jesus».

E falando à Mãe da Religiosa, a Condessa de Droste, em audiência de 18 de Maio, o Pontífice, aludindo à próxima Encíclica, dizia-lhe: «fazei-lhe saber que foi em consequência do que ela me comunicou que eu tomei esta decisão».

A Irmã Maria do Divino Coração Droste zu Vischering, morreu, com 36 anos de idade, no seu Recolhimento.

Tal foi a Senhora que citava, na sua carta, com manifesta ternura, D. Carolina Michaëlis da Vasconcelos.

Para escrever êste Apêndice, li:

a) T' Serclaes, *Le Pape Léon XIII*, tómo III, pág. 481 a 494; vem nesta obra, o retrato da Religiosa do Bom Pastor.

b) Mourret, *Hist. Generale de l'Église*, tómo IX, pág. 357 a 359.

c) *Dictionnaire de Théologie Catholique*, tómo IX, col. 340.

d) *Lettres Apostoliques de S. S. Léon XIII*, tómo VI, pág. 24-25 e segs.

e) Dom Ch. Poulet, *Hist. de l'Église*, tómo II, pág. 592.

NOTA

A ortografia das *Cartas* é a da autora. O editor entendeu, e bem, que devia respeitá-la. A ortografia das *Palavras preliminares*, a das *Notas* e a do *Apêndice* não é da responsabilidade de quem as escreveu, mas sim da do editor do volume.

*

Emendam-se alguns deslises tipográficos:

- a pág. 8, última, em vez de *mp actus — impactus*.
- » » 16, linha 7, em vez de *Gottifried Baict — Gottfried Baist*
- » » 37, linha da nota, em vez de *Conhec — Conheci*.
- » » 45, linha 14, em vez de *Quando — Quanto*.



